

## O “Livro em Branco”: Metafísica e Filosofia Inglesa em Voltaire

Rodrigo Brandão (Bolsista PET/CAPES – DF/USP/SP)

Orientadora: Dr. Maria das Graças de Souza Nascimento

A escolha do conto “Micrômegas, história filosófica” dentre tantos outros contos de Voltaire baseia-se na idéia de que este conto ilustra de forma primorosa e com toda a ironia singular do autor diferentes preocupações que perpassam sua obra.

Neste texto podemos encontrar elementos que nos encaminham, quando não nos apresentam completamente, os principais tópicos do pensamento de Voltaire: o problema do mal físico e do mal moral, os limites do conhecimento, o combate religioso, a história e outros. Como em outras obras de Voltaire, em “Micrômegas” encontramos uma pluralidade de temas que se cruzam, mas que de algum modo se organizam dentro da estratégia, do objetivo e em vista dos inimigos à quem o texto é endereçado.

Pretendemos aqui tratar apenas de um aspecto que surge no “Micrômegas” que, não obstante, nos aparece senão como o mais relevante, como um modo estratégico de nos guiarmos no universo voltairiano, a saber, a crítica à metafísica. Entendamos aqui crítica à metafísica como se referindo à quase toda tradição filosófica, crítica que, como veremos, realiza-se mormente através da crítica à linguagem. À quase toda a tradição filosófica pois apenas alguns são deixados de lado nesta tarefa de Voltaire.<sup>1</sup>

Muito da produção teórica, ou melhor, muito do pensamento teórico de Voltaire não era nada original, principalmente ao que se refere à teoria do conhecimento; podemos encontrar todas suas reflexões na obra de John Locke, apenas em um ou dois casos que Voltaire parece retirar conseqüências do pensamento do inglês que não são propriamente expressas por ele. E é na física newtoniana que Voltaire parece encontrar toda a explicação do mundo, ou ao menos, de sua parte que nos é dada conhecer.

Será justamente sobre o pensamento destes filósofos da Ilha Britânica que Voltaire alicerçará sua crítica à filosofia continental.

Toda a crítica à filosofia além de passar pela crítica à linguagem passa também pelo embate das filosofias. É com a física newtoniana e a teoria do conhecimento de Locke que se enfrentam as fantasias e inutilidades dos sistemas filosóficos.

Destarte, nos parece interessante abordar, através deste mesmo ponto de vista, alguns aspectos da primeira parte dos “Elementos da Filosofia de Newton” intitulada “Metafísica” em qual a crítica ressurgue.

A obra “Elementos da Filosofia de Newton” traz este aspecto adicional ao da linguagem que nos referimos acima e que “Micrômegas” ilustra bem, isto é, nos “Elementos” aparece claramente o embate das teorias.

Nesta obra encontramos a utilização do pensamento de Locke e Newton para a ridicularização das posições de Leibniz e Descartes.

Todos nós de um modo ou de outro sabemos um pouco sobre as relações de Voltaire com a Inglaterra. Sabemos de sua estada em Londres, de seus contatos com

Samuel Clarke, de seu entusiasmo pela teoria do conhecimento de Locke e pela física de Newton.

Entretanto, não é tão óbvio assim a importância e conseqüências que esta relação com a Inglaterra tem.

No âmbito que agora nos restringimos podemos já enunciar um destes papéis relevantes que a filosofia inglesa parece desempenhar no pensamento de Voltaire. Como dissemos, Voltaire cala a tradição metafísica através da crítica à linguagem, conjugada com o embate de posições filosóficas, ingleses, mormente Locke e Newton, versus continentais, Descartes e Leibniz.

Caso possamos pensar, a partir de uma visão mais ampla sobre o autor, que em certo momento, principalmente em seus últimos anos de vida, ocorre uma aparente mudança de âmbito, ou mudança de preocupações por parte de Voltaire, se existe algo no pensamento do autor como uma passagem do teórico ao prático, ao “pragmático” mesmo que não tenha se dado deste modo cronológico, isso foi possibilitado em certa medida pelo contato de Voltaire com a Inglaterra e mesmo depois quando se deteve na leitura de obras filosóficas e literárias britânicas.

“Micrômetros, história filosófica” é antes de mais nada uma sátira da história da filosofia.

Algo que encontramos no *Cândido*, e que é objeto de muitos comentários, já aparece nesta pequena obra de Voltaire, qual seja; a criação de situações extremas em que as posições filosóficas revelam-se como ridículas, desprovidas de sentido e de “utilidade”

Para quem já leu “*Micrômetros, história filosófica*” não é possível deixar de se lembrar de “*Viagens de Gulliver*” de Swift. Sabemos que Voltaire lia este outro inglês com prazer quando de sua estada em Londres.

Em “*Micrômetros, uma história filosófica*” um jovem gigante de cerca de 500 anos é expulso de sua estrela, Sírio, devido a problemas que teve com as autoridades locais. Então, o jovem de oito léguas viaja pelos planetas até chegar em Saturno, onde a pequenez de tudo lhe surpreende.

O jovem *Micrômetros* conhece os pequenos habitantes de Saturno, e sedento de conhecimento indaga ao saturniano quantos sentidos eles têm; quer conhecer o novo globo, por isto viajou.

O saturniano diz lamentando-se que os habitantes dali tinham apenas 72 sentidos, ao que o siriano diz compartilhar seus sentimentos, porque mesmo eles da estrela Sírio que têm cerca de mil sentidos pensam ser seres ínfimos e imperfeitos. E termina: “Talvez chegue um dia ao país onde não falta nada; mas desse país ninguém me deu notícias.”

Após sua estada em Saturno o gigante *Micrômetros*, agora acompanhado do saturniano, resolve viajar novamente em busca de novos conhecimentos, passando por Júpiter e Marte até divisarem “um pequeno clarão; era a Terra; coisa de causar piedade a gente que vinha de Júpiter.”

Com o auxílio de microscópios *Micrômetros* e o saturniano percebem algo que flutua nas águas do mar que roçavam os calcanhares do gigante. Era um barco trazendo “filósofos que voltavam de uma expedição ao círculo polar.”

Quando os dois viajantes perceberam que havia ali animáculos eles tremeram. “Vejo-os! – diziam ambos ao mesmo tempo. – Repara como carregam fardos,

como se erguem, como se abaixam! – Assim falando, tremiam-lhes as mãos, ... O saturniano, passando de um excesso de desconfiança a um excesso de credulidade, julgou perceber que eles trabalhavam na propagação da espécie. – Ah! dizia ele – peguei a natureza em flagrante. Mas enganavam-se pelas aparências, o que muita vez sucede, quer a gente se sirva ou não de microscópios.”

Surpreendidos agora com os seres que se moviam na embarcação, os viajantes passaram da descrença na possibilidades daquele glóbulo de lama ser habitado à indagações a respeito daqueles animálculos.

O gigante sendo melhor observador que o saturniano percebeu que eles não trabalhavam na propagação da espécie e que se falavam.

Os dois puseram-se então a pensar na possibilidade daqueles insetos terem alma, e o saturniano disse:

“Tratemos primeiro de examinar estes insetos, arrazoaremos depois.”

Com uma tesourinha Micrômegas corta um pedaço de sua unha e faz uma trompa acústica, com a qual ele consegue ouvir os pequenos habitantes. Em pouco tempo ele aprende o francês e fala aos filósofos que se encontravam na embarcação. Estes não conseguem compreender aquela voz de trovão que vem dos céus.

“Não podiam adivinhar de onde partiam. ( aqueles estrondos )

O capelão de bordo rezou exorcismos, os marinheiros praguejavam, e os filósofos do navio elaboraram um sistema; mas, por mais sistemas que fizessem, não atinavam com quem lhes falava.”

O saturniano, com sua voz mais suave fala aos animálculos, lhes explica sua viagem e a peregrinação em busca do conhecimento e os indaga se são felizes, se possuíam uma alma etc. Neste momento, filósofos que ali se encontravam sentiram-se ofendidos por duvidarem que tinham alma e um deles diz:

“Julga então, senhor, só porque tem mil toesas da cabeça aos pés, que é um ...” e é interrompido pelo saturniano espantado.

“Mil toesas! exclamou o anão – Meu Deus! Como pode ele saber a minha altura? Mil toesas! Não se engana por uma polegada. Como! Esse átomo mediu-me! É geômetra, conhece as minhas dimensões; e eu, que o vejo através de um microscópio, ainda não conheço as suas.”

E os filósofos passam agora a medir o gigante.

Descobrindo as medidas exatas dos dois viajantes os filósofos os surpreendem e os levam a se interessarem em conhecer aquele mundo.

Após um preâmbulo que retira as esperanças de Micrômegas de encontrar ali o melhor dos mundos possíveis, isto é, os fatos, a história desse glóbulo revela a infelicidade, a intolerância, a superstição e o fanatismo, o gigante põe-se a questionar os filósofos.

Espantados, com a sabedoria que aqueles filósofos tinham a respeito destas questões de física, as quais todos respondiam em uníssono, Micrômegas toma a palavra e diz:

Aqui inicia-se a crítica a linguagem a qual nos referimos anteriormente.

Como sabemos esta forma de abordar a Europa, esta literatura de viagens estava em voga na Europa do dezoito desde pelo menos “As Cartas Persas” de Montesquieu e se ligava estritamente com a expansão marítima do séculos XVI e XVII.



“A viagem, destruindo os preconceitos, desperta o viajante para o poder de Razão, cuja onipotência é incontestável no que diz respeito ao conhecimento das coisas empíricas.”

Viajar acaba com os preconceitos, o “já visto” o “já pensado” pois o relativiza ao colocá-lo perante outra realidade.

Reconduz à Razão pois nessa diversidade encontra-se inscrita o fundo comum dos homens e do mundo; a racionalidade.

Mesmo Micrômegas ao deparar-se com aquelas seres ínfimos e pensantes diz que terá que mudar sua idéia a respeito da possibilidade de existir almas que não em seres de sua mesma magnitude.

Mas voltemos ao ponto que nos interessa aqui, a crítica à metafísica através da caricatura das posições filosóficas.

Ao indagar os homens, pedindo-lhes que expliquem donde vêm, como formam suas idéias e outras questões que poderíamos chamar de modo geral de questões metafísicas, o tom unísono das respostas acerca de questões físicas é substituindo pela *diaphonía* da filosofia.

“ Já que sabeis tão bem o que se acha fora de vós, decerto sabeis ainda melhor o que tendes por dentro. Dizei-me o que é a vossa alma e como formais vossas idéias.

Os filósofos falaram todos ao mesmo tempo, como antes, mas foram de diferentes opiniões. O mais velho citava Aristóteles, outro pronunciava o nome de Descartes, este o de Malebranche, aquele o de Leibniz, aquele outro o de Locke. Um velho peripatético disse em voz alta com toda segurança:

A alma é uma enteléquia, razão pela qual tem o poder de ser o que é. É o que declara expressamente Aristóteles, página 633 da edição do Louvre: *ντελεχειαστι*, etc.

Não entendo muito bem o grego - disse o gigante.

Nem eu tampouco replicou o inseto filosófico.

Por que então tornou o siriano citais um certo Aristóteles em grego?

É que replicou o sábio cumpre citar aquilo de que não se compreende nada na língua que menos se entende.

O cartesiano tomou a palavra e disse:

A alma é um espírito puro, que recebeu no ventre da mãe todas as idéias metafísicas, e que, ao sair de lá, é obrigada a ir para a escola e aprender de novo tudo o que tão bem sabia e que não mais saberá!

Então não valia a pena retrucou o animal de oito léguas que tua alma fosse tão sábia no ventre de tua mãe, para ser tão ignorante quando tivesses barba no queixo. Mas que entendes tu por espírito?

Bela pergunta! exclamou o raciocinante. Não tenho disso a mínima idéia: dizem que não é matéria.

Mas sabes ao menos o que é a matéria?

Perfeitamente - respondeu o homem. Por exemplo, esta pedra é cinzenta, e de determinada forma, tem as suas três dimensões, é pesada e divisível.

Pois bem disse o siriano e essa coisa que te parece divisível, pesada e cinzenta, saberás dizer-me exatamente o que seja? Tu lhe vês alguns atributos; mas o fundo da coisa, acaso o conheces?

Não - disse o outro.

Não sabes, pois, o que é a matéria.

Então o Senhor Micrômegas, dirigindo a palavra a outro sábio, a quem equilibrava sobre o polegar, perguntou-lhe o que era sua alma, e o que fazia.

Absolutamente nada respondeu o filósofo malebranchista é Deus que faz tudo por mim; vejo tudo em Deus, faço tudo em Deus: é ele quem faz tudo, sem que eu me preocupe.

É o mesmo que se não existisses tornou o sábio de Sírio. E tu, meu amigo - disse a um leibiniziano que ali se achava que vem a ser tua alma?

É respondeu o leibiniziano um ponteiro que indica as horas, enquanto meu corpo toca o carrilhão; ou, se quiserdes, é ela quem carrilhona, enquanto meu corpo marca a hora; ou então, é minha alma o espelho do universo, e meu corpo a moldura do espelho: isso é bem claro.

Um minúsculo partidário de Locke achava-se ali perto; e quando afinal lhe dirigiram a palavra:

Eu não sei como é que penso respondeu -, mas sei que nunca pude pensar sem o auxílio de meus sentidos. Que haja substâncias imateriais e inteligentes, eu disso não duvido; mas também não nego que Deus possa comunicar pensamento à matéria...

O animal de Sírio sorriu: não achou que fosse aquele o menos sábio; e o anão de Saturno teria abraçado o sectário de Locke, se não fora a extrema desproporção entre ambos.”<sup>2</sup>

Tentemos esclarecer rapidamente as posições filosóficas e os problemas que aqui se delineiam.

Já neste texto, não obstante a crítica a linguagem pareça central, a crítica à metafísica não se realiza somente por esta via. O ataque ao jargão filosófico é conjugado com o embate de posições filosóficas.

Na fala do peripatético, e em certa medida na do “animálculo de capelo” tomista, encontramos o ataque a algo recorrente na Idade Média, qual seja; o argumento de autoridade.

Na do cartesiano não só encontramos uma falta de sentido nos termos, por exemplo ao não saber dizer de modo inteligível o que significa alma, mas também a crítica ao inatismo e a concepção de matéria como extensão.

O malebranchista e o leibniziano são aqui tratados ligeiramente.

O malebranchista pelo absurdo que sua posição soa para a sã razão e para o próprio senso comum. E o leibniziano pela sua obscuridade. Aqui cabe tecer outros comentários.

Voltaire mostra a obscuridade da linguagem leibniziana, mas não continua a ridicularização de seu inimigo, não parece opor, ao menos neste texto, argumentos ou posições teóricas. Por um lado poderíamos pensar que Voltaire estaria evitando, por inúmeras razões, entrar na discussão propriamente dita dos princípios e da metafísica leibniziana. Por outro lado, poderíamos também pensar, e isto se reforça quando encontramos alhures outras críticas a Leibniz, que a atitude de Voltaire perante a filosofia, a mudança do perfil do filósofo e da filosofia no dezoito, faz com que o autor de “Cândido” possa responder o alemão em outro registro. O registro prático. Cito os “Elementos....

Na seqüência das falas dos filósofos nos deparamos com o partidário de Locke.

Como vimos na citação os viajantes simpatizam com o partidário do inglês, querem abraça-lo, mas a desproporção corporal os impede. Mas porque querem abraça-lo? Por que simpatizam com aquele outro filósofo?

Talvez porque eles, os viajantes, sejam também um pouco ingleses. Não constróem sistemas, eles viajam e encontram na observação, no *datum*, o ponto de partida de suas pesquisas. Sorriem para o lockeano porque são partidários do sensualismo e da análise, e gargalham perante as aparentes absurdidades do inatismo. Desprezam o alemão que, segundo os “Elementos” “esforça-se em explicar algo que nenhum inglês quer entender”

Na fala do lockeano não encontramos apenas o embate das posições sensualismo versus inatismo, encontramos também a comisseração característica daquele que impõe limites ao conhecimento humano e encontramos também a idéia de que Deus pode comunicar pensamento à matéria, ou seja, a alma pode ser material; o artífice todo poderoso pode dar pensamento à matéria.

De um modo geral, podemos dizer que o momento no texto, em que a *diaphonía* da filosofia se estabelece, revela o absurdo das posições filosóficas que não a do sensualismo ( marca do pensamento francês do dezoito ) As falas dos filósofos aparecem como ridículas tanto para os viajantes quanto para o leitor. Aos primeiros porque são adeptos do sensualismo, aos segundos porque tais afirmações soam absurdas frente a razão comum.

Poderíamos nos prolongar na discussão, mostrando que esta crítica a metafísica e sua conseqüente restrição do conhecimento às coisas empíricas tem resultados interessantes.

De um lado Voltaire ataca a metafísica que, de um modo ou de outro, é, no seu entender, a defesa intelectual de religiões, superstições ou de um perigoso dogmatismo e por outro lado, impondo limites as proposições, fazendo com que elas se restrinjam ao empírico, impede que sejam facilmente extraídos do sensualismo argumentos ateístas.

“(Micrômegas) Prometeu-lhes que redigiria um belo livro de filosofia, escrito bem miudinho, para seu uso, e que, nesse livro, veriam eles o fim de todas as coisas. Com efeito, entregou-lhes esse volume, que foi levado para a Academia de Ciências de Paris. Mas, quando o secretário o abriu, viu apenas um livro em branco.”

Eis o que as especulações metafísicas podem nos dar: um livro em branco.

Contudo, o que devemos pensar de tudo isso? O que nos resta da leitura do texto é a descrença na metafísica. Não só uma descrença que se contenta em dispensar a metafísica de suas preocupações, mas ao contrário uma descrença que se preocupa com a metafísica pois quer destruí-la, pois a vê como perniciosa. Isso tudo para que as questões e as preocupações passem para outro âmbito, outro registro em que seja possível realizar algo em favor da felicidade.

#### BIBLIOGRAFIA

VOLTAIRE “Micrômegas, história filosófica” in: “Contos” Trad. Mario Quintana Abril Cultural

\_\_\_\_\_ “Elementos da Filosofia de Newton” Trad. Maria das Graças de Souza  
Nascimenmto Ed.

Unicamp 1996

CHAUÍ, M. “Três em uma” in: Discurso n 5

CASINI, P “Newton e a Consciência Européia” Ed. Unesp

#### NOTAS

1. Muitas vezes dependendo do ponto de vista a respeito da filosofia Voltaire faz considerações distintas acerca de cada personagem filosófico. É o caso de Descartes, que é ridicularizado quando se trata de sua física, mas enaltecido quando se trata de abordá-lo dentro de um processo de desenvolvimento das luzes por assim dizer.

2. VOLTAIRE “*Micrômegas*” trad. Mário Quintana. Ed. Abril Cultural, 1972, pág 127-129.